



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

PRINCIPAIS FATOS DA HISTÓRIA FRANCISCANA E AS AÇÕES DOS CAPUCHINHOS NO BRASIL E NA BAHIA²⁹¹

Paula Ruas Ferreira
(UESB)

Ana Palmira Bittencourt
(UESB)

RESUMO

O presente trabalho é resultado dos estudos e pesquisas realizados para a construção de um trabalho monográfico e faz uma breve análise da trajetória histórica e reflexiva da ação dos Franciscanos Capuchinhos desde a sua origem até os tempos atuais, recortando suas ações na Região Sudoeste da Bahia, prevalentemente, Vitória da Conquista, Belo Campo e Anagé. A investigação se deu a partir de uma das vertentes do franciscanismo que é a pedagogia franciscana enfatizando a educação evangelizadora. No entanto, este artigo aborda as discussões em torno do segundo capítulo da monografia que retrata a constituição dos principais fatos da história franciscana e as ações dos Capuchinhos no Brasil e na Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: Capuchinhos; Educação; Evangelização.

²⁹¹Título extraído da monografia de conclusão do curso de Pedagogia sob a orientação da Professora Doutora Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro.

*Graduanda em Pedagogia (UESB). E-mail: paularuas1@yahoo.com.br.

** Professora Doutora. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: apcasimiro@oi.com.br.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

INTRODUÇÃO

A abordagem deste trabalho nos apresenta os principais fatos da história franciscana e as ações dos Capuchinhos no Brasil e na Bahia trazendo elementos da origem do franciscanismo, principais fatos da vida de Francisco de Assis, surgimento dos Franciscanos Capuchinhos no Brasil, Bahia e região de Vitória da Conquista passando pela evangelização missionária e sua instalação definitiva na referida cidade.

Origem do franciscanismo

A passagem do século XII para o século XIII foi marcada por uma profunda mudança no campo econômico e social. Tempo de regime feudal, quando a terra era um grande feudo nas mãos de poucos e poderosos proprietários, com muitas pessoas pobres a serviço destes grandes senhores. Havia, pois, uma classe muito explorada e um desnível social gritante. O dinheiro era símbolo da riqueza, da exploração, da dominação das desigualdades sociais, das brigas e das separações.

No entanto, o feudalismo, cuja riqueza provinha da terra, sentia ameaçado pela rápida ascensão de uma nova classe, a dos comerciantes. Este evento era saudado com satisfação e esperança pela grande massa como um sinal de libertação da realidade opressora oriunda dos grandes senhores da terra.

Com o crescimento do comércio, surgem, por toda parte, as cidades (burgos), cuja população contesta o antigo regime feudal com sua semi-escravidão. Porém, a nova classe dos burgueses, ou ricos comerciantes, também, aos poucos, se tornou opressora, frustrando os ideais de liberdade e de justiça dos habitantes dos novos centros urbanos.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Esta época foi marcada pela busca desenfreada de bens materiais, de sempre acumular mais, que incentivava a ganância. Esta, por sua vez, gerava a dominação, a exploração e a humilhação. Por isso,

O século XII, com sua ideologia dominante do poder e do dinheiro, feria a liberdade, a dignidade humana, sua aspiração à felicidade. A contestação era geral. Muitos se insurgiram contra estas estruturas, reclamando uma nova ordem, um novo tempo e uma radical mudança. Tem-se a impressão de estarmos analisando o século XXI, com o endeusamento do capital do neoliberalismo e da globalização (ABATI, 2002, p. 15).

Neste contexto, a Igreja também enfrenta grandes desafios. Aparecem grupos de cristãos que querem viver de forma radical o evangelho, imitando a vida de Jesus e dos apóstolos. São os mendicantes. Logo, conservando seu caráter místico, a pobreza mendicante assume, no evangelismo do século XII, uma dimensão marcadamente social e econômica. A mendicância era uma opção subversiva, porém, não se limitou ao testemunho místico de uma vida que desejava configurar-se com a de Jesus. Ela se tornou a base econômica, tanto de uma pregação itinerante, que fazia de homens viajantes de grandes caminhadas, quanto de uma comunidade de irmãos, que se abandonavam, alegremente, aos imprevistos da providência. Livres de compromisso feudais, livres das grandes propriedades e das preocupações financeiras (isto nos primeiros tempos de vida), os pobres mendicantes podiam se entregar à pregação do Evangelho.

Segundo Zagonel (2001), a mendicância foi uma ruptura e uma presença. Mais, ainda, uma libertação. Nesta realidade histórica surge Francisco, que, de um jeito diferente, contesta a realidade de desigualdade que vivia a população de sua época. Assim sendo, Francisco no seu novo jeito de viver, atrai muitos seguidores e seguidoras com ideal de viver uma vida de fraternidade e justiça perante os mais



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

pobres e excluídos da sociedade, pautando o seu ideal de vida no Evangelho de Jesus Cristo.

Do nascimento, aos principais fatos da vida de Francisco de Assis

Segundo seus biógrafos² Francisco nasceu na cidade de Assis, região da Úmbria, no coração da Itália, no século XII (fim de 1181 ou início de 1182), filho de Pedro Bernadone e de dona Joana, chamada Pica. Seu pai, um rico comerciante, trabalhava no comércio de Assis com tecidos que buscava na França, enquanto Joana, sua esposa, cuidava do lar e da formação humana e religiosa do filho.

No presente trabalho, utilizou-se os textos dos biógrafos Tomás de Celano e São Boaventura. Segundo eles, Francisco aprendeu a ler e escrever na escola paroquial de São Jorge, em Assis, e completou sua modesta cultura com elementos de cálculo, de poesia e música, adquirindo, também, uma escassa noção de língua francesa (provençal) bem com lendas de cavalaria. Francisco adquire, mais tarde, uma discreta cultura religiosa, lendo e meditando.

Segundo Boff (1986), Francisco pertencia à classe burguesa emergente da crise feudal com seu modo de produção servil. Já adulto, exercia a profissão de seu pai, vivendo em um ambiente marcado pela desenfreada cobiça dos comerciantes e dedicado aos negócios lucrativos do comércio.

Nesta realidade, Francisco, nos primeiros vinte e cinco anos, teve uma vida ativa e ambiciosa, tentou pessoalmente todas essas vias de subida e de glória, como participante da conquista da liberdade cívica na luta contra o feudatário imperial de

²Tomás de Celano escreveu vários tratados da vida de São Francisco: Vida I, a Legenda Coral (resumo da vida I, pra fim litúrgico), a vida II, o tratado dos milagres.

São Boaventura teólogo e filósofo franciscano que por sua prudência e clarividência que dedicou a sua função de Ministro Geral da Ordem, recebeu o título de segundo fundador da Ordem franciscana.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Spoletto (1198). Tomou parte ativa, aos vinte anos, na guerra comunal de Assis contra Perugia (1202) e caiu prisioneiro dos peruginos. Libertado, após um ano de prisão, e provado por longa doença, o mundo começou parecer-lhe diferente e estranho. Após certo tempo, restabelecido da doença e atraído por novos sonhos de glória, decidiu ir até as Apúlias com a finalidade de aumentar suas riquezas e prestígios para a conquista do título de cavaleiro (1205). A viagem de Francisco foi, contudo, interrompida em Spoleto, onde o Senhor o convidava, em sonho, a entrar na companhia de um senhor mais nobre.

Revestido com uma túnica assinalada por uma cruz e proclamando-se “arauto do grande rei”, ele passa um biênio de vida penitente e eremítica, entregue à oração e a serviços humildes, por breve tempo também, num mosteiro beneditino. Depois, interpretando literalmente o convite do Crucificado, empenha-se na restauração material de três igrejas de Assis: São Damião, São Pedro della Spina e Santa Maria dos Anjos, chamada Porciúncula.

Seguiram-no o rico Bernardo de Quintavalle e o doutor em Direito, Pedro Cattani, aos quais se juntaram o jovem Egidio e mais oito companheiros (1208). Um ano depois, o grupo foi aprovado em seu modo de vida comunitária e apostólica pelo Papa Inocêncio (1209). Era a Primeira Ordem, a “Ordem dos Frades Menores”. Instituiu também a Segunda (Damas Pobres de São Damião ou Clarissas) e a Terceira Ordem a OFS (Ordem Franciscana Secular) para aqueles que viviam em suas famílias, mas queriam viver segundo a espiritualidade franciscana.

Surgimento dos Capuchinhos

Em 1517, após inúmeras tentativas de união provocadas por ortodoxos e heterodoxos franciscanos, o Papa Leão X queria criar condições claras para a Ordem.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Por isso, a única Ordem existente naquela época, que tinha um único Ministro Geral, foi dividida em duas Ordens independentes, seguidas, pouco tempo depois, por mais uma terceira. O papa, porém, dividiu os franciscanos em dois grupos distintos independentes, cada qual com o seu próprio ministério, capítulo geral e suas próprias províncias. No ano de 1520, surgiu, a partir da Ordem dos Frades Menores (OFM), num processo muito doloroso, a comunidade dos Capuchinhos, originalmente concebida como comunidade puramente contemplativa.

Apesar de serem contemplativos neste período, muitos deles começaram a investir na vida pública e até mesmo na política. No tempo da reforma protestante, a ordem chegou a atingir a casa dos cem mil membros.

A história franciscana informa, ainda, que, com o crescimento da ordem e o crescimento da atividade pastoral, precisou-se de uma nova teorização das novas práticas de pregação. Os grandes sermões não estavam se adequando mais à época. Para que tivessem fundamento, fazia-se necessário uma intensa retomada da vida cultural.

[...] A ordem do Pobre de Assis viu-se como compelida a participar da vida acadêmica da mais célebre das universidades, e a equipar-se para uma tarefa inteiramente estranha às cogitações do seu fundador [...] Assegurou-se assim o direito de cidadania à atividade científica no seio da Ordem, direito este que nenhuma reforma subsequente iria contestar seriamente. Este desenvolvimento foi devido principalmente à iniciativa de alguns homens esclarecidos, entre os quais sobressaem as figuras de Alexandre de Hales e de S. Boaventura (BOEHNER-GILSON, 2003, p. 414).

Desta forma, a ordem franciscana viu-se compelida a participar da vida acadêmica e a equipar-se para uma tarefa inteiramente estranha às cogitações de seu fundador. Assegurou-se, assim, após vários debates internos, o direito de cidadania e atividade científica no seio da Ordem. Em consequência desta atitude, surge a Escola



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Franciscana, e com ela, os grandes nomes da filosofia franciscana como São Boaventura, Alexandre de Hales, entre outros.

Franciscanos no Brasil

Séculos mais tarde, chegaram ao Brasil, juntamente com Pedro Álvares Cabral, oito missionários franciscanos, entre eles, Frei Henrique de Coimbra, que celebrou a primeira missa no dia 26 de abril de 1500. Porém, esse grupo de missionários não permaneceu na nova terra, pois partiu, no mesmo ano, rumo às Índias, juntamente com Cabral. Porém, em 1516, chegam ao Brasil dois frades que fixam residência em Porto Seguro na Bahia, e continuam os trabalhos de evangelização.

Embora os jesuítas tenham sido os primeiros religiosos oficialmente enviados para trabalhar no Brasil, em 1549, (chegaram quase cinqüenta anos depois) os franciscanos estão presentes e atuantes já bem antes disso, numa presença extra-oficial, esporádica e esparsa. Assim, a história relata que vários frades estiveram presentes no litoral, de 1503 até 1584.

[...], mas em 1503, segundo alguns, ou 1515, segundo outros, chegam ao Brasil dois frades franciscanos que fixam residência em porto Seguro e, depois de dois anos de atividades, são trucidados pelos índios. Em 1534 um novo grupo chega integrando a armada de Martins Afonso de Sousa. Em 1537 cinco franciscanos espanhóis aportam no porto de Dom Rodrigo, hoje São Francisco do Sul [...] (SAVIANI, 2007, p. 39-40).

O objetivo dessa vinda era catequizar os índios. Fundaram inúmeros aldeamentos, obedecendo às ordens imperiais, mas voltando o olhar para a missão



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

evangélica. Além de pregarem nas missões populares, característica típica de seu apostolado, administravam paróquias e exerciam magistério em seminários.

Segundo Saviani (2007), a colonização do Brasil contou com a contribuição imprescindível das ordens religiosas. Afirma, ainda, que se pode considerar que os primeiros evangelizadores do Brasil foram os franciscanos. Com a intenção de catequizar, esses religiosos já usavam técnicas de percorrer as aldeias indígenas em missões volantes, unindo a catequese à instrução (que caracterizou mais tarde a ação educativa dos jesuítas). Esses franciscanos constituíam recolhimento que funcionava em regime de internato, como verdadeira escola, que ensinava, além da doutrina, a lavrar a terra e outros pequenos ofícios.

Além de os franciscanos da Ordem dos Frades Menores (OFM) terem sua presença no Brasil, desde a chegada de Cabral, também se destacaram os Capuchinhos, (parte da ramificação da OFM) que se estabeleceram neste território no ano de 1538, e tiveram uma presença marcada entre os indígenas, sendo os únicos permitidos a atuar entre eles, após o diretório pombalino.

Os franciscanos chegaram em diversas regiões brasileiras, porém, estabeleceram-se definitivamente em Olinda-PE, no ano de 1585, onde fundaram a primeira custódia do Brasil com o convento que recebeu o nome de Nossa Senhora das Neves, em Olinda.

E, no ano de 1612, os Capuchinhos franceses também chegaram ao Estado do Maranhão, vindos com a expedição francesa de Daniel de la Touche, Senhor de Revadière. Trabalharam na evangelização das aldeias volantes e inauguraram o primeiro Convento Capuchinho no Brasil, em São Luis.

Evangelização missionária e o franciscanismo no Brasil



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Historicamente, a Igreja Católica teve presença fundamental na educação em terras brasileiras. A colonização do Brasil contou com a contribuição das ordens religiosas que foram fundamentais para a expansão do cristianismo. Porém, essa expansão aconteceu muitas vezes de forma equivocada, por parte de muitas ordens, pois estavam atreladas aos interesses financeiros dos colonizadores, e também aos de interesses da Igreja.

Quando frei Henrique de Coimbra celebra a primeira missa, percebe-se, portanto, a primeira ação pedagógica franciscana, mesmo esta sendo puramente evangelizadora, pois o objetivo maior desses franciscanos, naquele momento, era conquistar os povos nativos para uma vida cristã.

No processo de colonização do Brasil, anos mais tarde, o rei de Portugal além de enviar os colonizadores para exploração das terras com seus recursos naturais, também envia ordens religiosas para difundir a fé entre os índios e negros.

Nem os papas, nem os bispos, nem os concílios mais celebres, como o do México e de Lima no Peru, formularam a própria denúncia profética e vigorosa em favor dos escravos. Igualmente severa é essa afirmação de Joaquim Nabuco: “Entre nós o movimento abolicionista nada deve, infelizmente a Igreja do Estado[...] Nenhum padre nunca tentou impedir um leilão nem condenou o regime religioso das senzalas. (NABUCO *apud* REGNI, 1988, p. 267).

Vê-se, portanto, que essa evangelização, assim como o processo de colonização, não foi feita de forma pacífica, por mais que as “boas intenções” das primeiras ordens religiosas dissessem ao contrário, muitos equívocos foram cometidos, dentre eles se destaca a indiferença perante a escravidão no País. O Evangelho foi imposto aos índios e negros de forma arbitrária por muitas dessas Ordens, satisfazendo, assim, o interesse da Coroa Portuguesa, e da Igreja, que



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

legitimaram a escravidão, provocando disputas ambiciosas de territórios a serviço do Rei de Portugal.

[...] Franciscanos, jesuítas, beneditinos, mercedários, carmelitas, oratorianos e todos os missionários que aqui chegados não deixaram de ser agentes do sistema de conquista e de dominação da Europa sobre o Novo Mundo e sua gente. Nem mesmo aqueles que utilizaram métodos pacíficos para evangelizar os indígenas escaparam do processo de demolição e satanização das culturas autóctones [...] (SANGENIS, 2006, p. 39).

Assim sendo, a evangelização do Brasil era um dever prioritário dos Reis de Portugal. Esta obrigação lhes tinha sido imposta pelos papas, em vista das suas conquistas realizadas em benefício da expansão cristã. Esta evangelização das terras conquistada fazia parte do conjunto de atribuições de que gozavam os reis de Portugal, atribuições chamadas de Padroado Régio.³

Franciscanos Capuchinhos na Bahia

Anos mais tarde, por volta de 1670, os primeiros Capuchinhos franceses chegaram à Bahia. Enviados pela Congregação da Propagação da Fé, não dependiam da “Lei do Padroado”, que obrigava os missionários Apostólicos a passar por Portugal e jurar fidelidade ao rei. Essa iniciativa dos Capuchinhos gerou algumas vantagens e

³Pelo Padroado Régio, os Reis de Portugal, eram designados patrões da Igreja. Assim na qualidade de “patronos”, eram eles os encarregados principais da evangelização do Brasil e do envio dos missionários, bem como os responsáveis pelo sustento de toda a igreja no Além-Mar. E lhes competia o direito da arrecadação dos dízimos eclesiásticos, e de apresentar os candidatos aos cargos na igreja, sobretudo ao cargo de bispo (FRAGOSO, 2000, p. 14).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

muitos problemas, pois se encontravam diante do dilema: “ou jurar fidelidade ao rei ou abandonar a missão”.

Apesar dessa dicotomia de trabalho, esses capuchinhos conseguiram desenvolver o trabalho de evangelização do século XVII, principalmente às margens do Rio São Francisco. Anos se passaram e os trabalhos de evangelização dos Capuchinhos franceses não prosperaram, porque as reações portuguesas os expulsaram do país.

Devido ao rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Portugal e França em 1698, os Capuchinhos franceses encerraram seu trabalho missionário no Brasil. Outro fator que contribuiu para extinguir as Missões francesas no Brasil foi o juramento de fidelidade ao rei e não o fato de terem enviados pela congregação da Propagação da Fé (ZAGONEL, 2001, p.217).

Após a expulsão dos Capuchinhos franceses, suas missões foram confiadas aos Carmelitas até o momento em que a Congregação da Propaganda da Fé entrega as missões do Brasil no ano de 1705 à Ordem dos Franciscanos, porém não retornam mais os Capuchinhos franceses, mas os italianos.

Após a chegada ao Brasil se instalaram na Bahia e tomaram posse do Convento (Hospice) da Piedade, que servia não somente como hospedagem para os missionários cansados de viagem ou adoentados, mas havia se tornado uma espécie de Procuradoria Geral para todas as missões das Colônias lusas na África e na América. Segundo Regni (1998), enquanto os franceses não gozavam da popularidade, era grande a simpatia que o povo baiano tinha pelos missionários italianos. Com efeito, o povo tinha aprendido a conhecê-los e a estimá-los durante as paradas que faziam em suas viagens de ida à África ou de volta daquelas missões.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Com a instalação definitiva na Bahia, os frades encontraram muitas dificuldades. Aqui se destaca o conflito da posse da terra na Piedade (Salvador) onde foi construído o Hospice (Convento) no terreno que tinha por proprietário os beneditinos. E, como pagamento da dívida, tiveram que selar o compromisso perpétuo de celebrar cinquenta missas por ano a favor de uma piedosa viúva desconhecida que doou o terreno para a Ordem dos beneditinos:

Os capuchinhos continuaram a pagar o aforamento com as missas até tempos recentes. Em 1886, com a permissão da Santa Sé, a obrigação foi reduzida para dez missas anuais. Enfim em 1952, a pedido de fr. Lucas Gianfranceschi, então arquivista da custódia da Bahia, o Abade dos beneditinos, D. Steab dispensou definitivamente os capuchinhos de qualquer tributo. (REGNI, 1988, p.208).

Esse conflito entre as duas Ordens se tornou pequeno diante do impasse que os franciscanos tiveram que enfrentar perante a impotência que sentiam no processo de evangelização, que, muitas vezes, foi utilizada como legitimação da escravidão entre negos e índios.

É importante deixar claro que ouve uma minoria profética de ordens religiosas a denunciar como ilegítima e ilegal toda escravidão existente no Brasil, onde o Império português dominava tudo e todos, mesmo na subjetividade de muitos religiosos que trabalhavam nas missões. Segundo Fragoso (2000), foi, sobretudo, entre os missionários capuchinhos que se verificou essa minoria completa, por estarem entre eles diretamente sob a Propaganda da Fé e terem uma formação fora dos horizontes do Império Colonial Português.

Ao longo dos anos, esses franciscanos encontraram diversas dificuldades na atividade missionária do Brasil, mas não desanimaram, seguiram deixando suas marcas em todos os recantos, especialmente no Norte e Nordeste do País entrando



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

em contato com enorme quantidade de pessoas iletradas, simples, sobretudo os pobres.

Os capuchinhos italianos tinham preferências no trabalho de evangelização para as pessoas marginalizadas do interior do país, sobretudo o povo sertanejo. Não era uma evangelização com “normas formais”, mas adaptavam a palavra de Deus à realidade do povo simples, que necessitavam, além da dignidade humana, um alento de uma esperança transcendental.

A gente simples e inculta do sertão era animada por um profundo sentimento religioso que como já falamos, pedir-se-ia definir naturalmente cristão. Não era uma fé instruída, ilustrada, mas espontânea natural, sem formalismos, entranhadamente arraigada no seu espírito e na sua conduta. Sua crença tinha as características próprias da psicologia neoplatina, com particularidade dos fatores geográficos e das condições sócio-culturais do sertanejo brasileiro. Nota-se um marcante tendência a manifestações exteriores do sentimento religioso, por meio de procissões, romarias e grandes demonstrações populares. É mais a exuberância de uma igreja barroca, do que a interioridade de uma catedral gótica. Uma exuberância que enriquece a piedade, mas que ao mesmo tempo, se mantém dentro do âmbito do magistério da Igreja (REGNI, 1991, p.229).

Desse modo, se caracteriza a missão popular, volante ou ambulante. Diferentemente dos aldeamentos, não se fixam em algum lugar por muitos anos, passam pouco tempo em cada lugar (de 5 a 30 dias). Assim, Zagonel (2001) afirma ainda, que, com o declínio do trabalho catequético junto aos índios, por volta do ano de 1758, as aldeias foram transformadas em vilas; as missões em paróquias e os missionários se tornaram párocos.

Além dos aldeamentos, os Capuchinhos pregavam missões populares, característica típica de seu apostolado, administravam paróquias e exerciam o magistério em seminários. Assim, em diversos recantos da Bahia, os Capuchinhos



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

italianos deixaram suas marcas, com atividades diversas, não somente no campo religioso, mas, também, no campo civil. E, algumas vezes, atuaram na pacificação de ânimos em momentos de exaltação política, evitando lutas fratricidas, como a que ocorreu em 1895, quando dois frades, João Batista e Caetano, pregaram as missões em Canudos pela conversão do bando de Antônio Conselheiro, tentando evitar a violência das armas.

Os Capuchinhos em Vitória da Conquista

A história dos Capuchinhos que atualmente residem em Vitória da Conquista tem sua origem nos idos de 1941, conforme se lê no Livro de Tombo da Diocese (1941, p. 01)

Aos seis de janeiro de mil novecentos e quarenta e um, às nove horas da manhã, dia de Epiphania, à estação da Missa Paroquial dei, na forma Canônica, após a leitura da provisão passada pelo Exmo e Revmo Arcebispo Primaz, posse ao Revmo Frei Egídio de Elcito como Vigário Ecônomo da Freguesia. Fiz-lhe a entrega do Arquivo e demais documentos existentes da mesma Paróquia.

Nesses termos, lavrados em Ata pelo Monsenhor Florêncio Sizínio Vieira, Vigário da Paróquia de Amargosa e representante do Sr. Arcebispo Primaz da Arquidiocese da Bahia, era documentada a chegada dos Capuchinhos à Paróquia de Nossa Senhora da Vitória e o início das suas atividades religiosas, cinqüenta e sete anos atrás. Era o enlace religioso entre a Comunidade Conquistense e a Ordem dos Capuchinhos da Bahia.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A celebração dos 40 anos da criação da Diocese de Vitória da Conquista – 14 de agosto de 1998 – evoca a presença dos Capuchinhos na nossa Cidade, e marca a sua influência em toda a história da Diocese.

A Vila de Conquista fora emancipada do Município de Caetité, civilmente, pela Lei Provincial nº 124, de 19 de maio de 1840, com o nome de Imperial Vila da Vitória.

Posteriormente, a Imperial Vila da Vitória fora elevada à categoria de cidade, com o nome de Conquista. Só muito depois, em 31 de dezembro de 1943, pelo Decreto-Lei Estadual nº 141, de 31 de dezembro de 1943, passou a denominar-se Vitória da Conquista.

Até 1940, Amargosa e Conquista, religiosamente, faziam parte da Arquidiocese do Salvador. Criada a Diocese de Amargosa em 1940, a Paróquia de Vitória da Conquista, consagrada à Nossa Senhora da Vitória, foi desmembrada da Arquidiocese da Capital, e constituída paróquia autônoma, sendo governada por um Vigário Ecônomo, praticamente um Administrador Apostólico, escolhido e nomeado pelo Sr. Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, D. Augusto Álvaro da Silva. O escolhido para este cargo foi o Frei Egídio de Elcito, missionário capuchinho, do Convento Nossa Senhora da Piedade, da cidade do Salvador. O Frei Egídio de Elcito tomou posse no dia 06 de janeiro de 1941.

A partir desta data, a história de Vitória da Conquista é intimamente ligada à vida dos Capuchinhos, e eles fazem parte do seu desenvolvimento, da sua vida religiosa e cultural.

Com a chegada dos Capuchinhos, em 1941 e, providencialmente, com a presença do Frei Egídio de Elcito, Vigário Ecônomo da grande Paróquia, os trabalhos foram recomeçados no dia 30 de janeiro de 1941, sendo concluídos, definitivamente, em 17 de janeiro de 1948. No livro de Tombo são narrados, minuciosamente, vários fatos relativos à nova igreja:



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

15 de agosto de 1943. Festa da Padroeira N.S. da Vitória. Neste dia benzi o novo sino de 152 quilos[...] 28 de outubro 1943. Hoje chegou o Pintor José Lima para pintar a Igreja que já está acabada, faltando os altares [...] 1º de maio de 1944. Terminei hoje de tirar os andaimes da matriz, estando terminada também a pintura. (Livro de Tombo, fls. 02).

A Igreja recebeu a bênção de inauguração em 17 de janeiro de 1948, em ato religioso presidido pelo Frei Egídio, representando o Sr. Arcebispo Primaz da Bahia.

Em 28 de novembro de 1946, o Frei Egídio de Elcito foi nomeado Superior Maior dos Capuchinhos, tendo que mudar-se para o Convento da Piedade, em Salvador, sede da Cúria Provincial. Para substituí-lo, foi designado como pároco, o Frei Miguel Ângelo de Cingoli, que juntamente com o Frei Pio de Esplanada e Frei Apolônio de Barra de São Pedro eram Vigários Cooperadores da grande Paróquia. Como Vigário, foi nomeado o Frei Izidoro de Loreto, tendo como cooperadores o Frei Miguel Ângelo de Cingoli, e o Frei Romano de Offida, ambos italianos.

Em 1956, o Frei Miguel Ângelo foi transferido para Feira de Santana. Em janeiro de 1947, o Frei Egídio encerrou definitivamente as suas atividades em Vitória da Conquista, deixando um trabalho bem organizado nas mãos de colaboradores.

Com os novos Superiores da Província da Bahia, também a fraternidade de Vitória da Conquista recebeu outros reforços. E em fevereiro de 1948, Frei Caetano Maria de Altamira é designado Bispo Diocesano de Ilhéus.

O primeiro bispado de Vitória da Conquista e a instalação definitiva dos capuchinhos

As primeiras providências que deveriam ser tomadas eram essenciais para o futuro da Paróquia, já com perspectivas de se transformar em Diocese. Eram imprescindíveis: a aquisição de uma Casa residencial para o futuro Bispo Diocesano;



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

as dependências para a instalação da Cúria Diocesana; o terreno para a construção do Seminário da Diocese. O Palácio Episcopal foi construído na Praça João Gonçalves, nº 156, com dois andares, na esquina com a Rua João Pessoa, onde, atualmente, funciona uma Clínica de Ortodontia. O terreno escolhido para o Seminário Diocesano foi junto ao Parque Theopompo de Almeida (onde hoje funciona a FTC).

Em 27 de abril de 1958, finalmente, saiu a nomeação do primeiro Bispo de Conquista, sendo escolhido para o cargo, o Reitor do Seminário da Diocese do Senhor do Bonfim, Mons. Jackson Berenguer Prado. “No dia 14 de agosto – narra o Livro de Tombo grandiosa recepção do novo Bispo Dom Jackson Berenguer, e à noite criação da Diocese de Vitória da Conquista” (fls. 58). Em sessão solene, foi instalada a nova Diocese. No dia 15 de agosto de 1958, festa de Nossa Senhora da Vitória, Dom Jackson tomou posse da sua Diocese, nova e cheia de esperanças. Era a Festa da Padroeira. Houve a Missa solene, cantada, pela *Schola Cantorum* do Seminário Santo Antônio dos Capuchinhos de Feira de Santana. Era uma espécie de despedida dos Capuchinhos da sua Paróquia de Nossa Senhora da Vitória. Por dois anos, eles ficariam ainda prestando serviços na catedral, como Vigários, em tudo auxiliando os primeiros passos da nova Diocese.

Entrementes, era também urgente e necessário, um novo espaço para a Fraternidade Capuchinha, tendo em vista que mais dias, menos dias, a Paróquia, transformada em sede da Diocese, teria o seu próprio Vigário, do Clero Diocesano e, assim, não haveria mais lugar para os religiosos capuchinhos no recinto paroquial. Os Capuchinhos rumaram para o outro lado da Cidade, para um bairro ainda em formação. Foram eles os Pioneiros do Oeste, no Bairro do Departamento. Em janeiro de 1957, teve início, em 21 de março, a construção do Convento de Nossa Senhora de Fátima, futuro Seminário Seráfico da Província da Bahia. Os Capuchinhos trabalhavam na Paróquia de Nossa Senhora das Vitórias e, ao mesmo tempo,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

cuidavam, também, da futura Casa Religiosa que estava sendo construída no Bairro do Departamento, na saída para Brumado.

Juntamente com a construção do Seminário, os Capuchinhos abriram a primeira Escola no Bairro, ao lado da Igreja, aproveitando o galpão que servira de depósito para o material de construção, e que passou a abrigar cento e cinquenta alunos do ensino primário. Surgia, assim, a Escola Centro de Assistência Social Nossa Senhora das Vitórias, nascente do Colégio Paulo VI. O nome da Escola foi colocado em homenagem à Padroeira.

Em 1º de janeiro de 1960, foi criada a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, com sede na Igreja dos Capuchinhos (o Santuário ainda em construção). Era a primeira paróquia depois da Catedral.

Neste contexto, afirma Regini (1991), sobre um relato de Frei Manoel Matias que foi, por algum tempo, o coadjutor de Frei Egidio na freguesia de Vitória da Conquista:

Durante a nossa permanência naquela paróquia foi terminada a igreja, hoje Catedral, pintada em parte, e construída a casa paroquial. Ali demonstramos, os dois, verdadeiro espírito de sacrifício e heroísmo, pois atendíamos toda a paróquia, com mais de 26 capelas, a cavalo. Frei Egidio diabético, mesmo assim nunca se permitiu que eu o substituísse, quando eu podia fazer as suas vezes nestas longas e sem nenhum conforto, faltando até água para beber e a alimentação era de condição péssima. Mas Frei Egidio nunca se lamentava [...] (REGNI, 1991, p. 302).

A Fraternidade estava assim organizada: Frei Miguel Ângelo de Cingoli, Guardião da Comunidade; Frei Graciano de Santo Elpídio, Vigário; Frei Salvador de San Marino Diretor do Seminário; Frei Gregório, Frei Paulo, Vice-Diretor; Frei Virgínio de Civita Nova, Vigário Cooperador, juntamente com os demais confrades.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Em 1966, o Seminário Seráfico de Fátima recebe novos reforços. No remanejamento trienal da Província da Bahia, foram designados para Vitória da Conquista o Frei Bernardo Alves como coadjutor, o Frei Lourival Vilares como Vigário, e Frei Serafim do Amparo como Vigário Cooperador. Para melhor assistência, do ponto de vista educacional, projetou-se a construção de um ginásio que atendesse à população do Bairro. Complementando a obra iniciada com o Centro de Assistência Social Nossa Senhora das Vitórias, em 1957, dez anos depois, em 1967, os Capuchinhos abriam para a mocidade estudantil as portas de um novo estabelecimento de ensino. Os frades Capuchinhos tiveram uma importante parcela para o desenvolvimento social e educacional na Bahia

Os Capuchinhos investem, também, em Obras Sociais e assistenciais: Escola de Iniciação Agrícola em Esplanada, fundada e dirigida por Frei Luiz de Milão; Orfanato São Francisco em Alagoinhas; Escola Gráfica Nossa Senhora de Loreto em Salvador; quatro emissoras de rádio em Alagoinhas, em Feira de Santana, em Santo Amaro e em Itabuna, dando início a uma forma de apostolado: a evangelização radiofônica; o hospital Frei Justo Venturi em Seabra; Vários colégios e escolas espalhados nos Estados da Bahia e de Sergipe. No campo educacional, ministram aulas em Universidades e em Escolas Públicas e Particulares; e outras administram e dirigem Colégios pertencentes a províncias. No campo pastoral, a Custódia assumiu as paróquias de Vitória da Conquista, de kibeiropolis e de Estância [...] (ZAGONEL, 2001, p.220-221).

Hoje, os Capuchinhos desenvolvem também um intenso trabalho científico e cultural através do colégio Internacional São Lourenço de Brindisi, que é como sua cidade dos estudos superiores e universitários. Em sua nova sede se encontra agora o Instituto Histórico da Ordem que edita os *monumenta Histórica* a *biblioteca Seeraphica-capucina*, a *Colectanea*, *Bibliographica Franciscana* e outras obras de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

qualidade científica. No mesmo complexo, está instalada também a biblioteca central da Ordem e um museu franciscano único em seu gênero, com mais de 20.000 peças que dão testemunho da multissecular história franciscana em todos os seus aspectos.

É importante deixar claro, portanto que a história relata que nem sempre isso aconteceu, pois a evangelização do Brasil desde 1500, iniciou de forma violenta por parte de muitas Ordens religiosas, atendendo a diversos interesses dos países europeus. Por outro lado, contribuíram significativamente para a formação cultural escolar tanto nos espaços formais, quanto nos informais.

Hoje não se pode falar da história da região de Vitória da Conquista sem mencionar as ações dos frades Capuchinhos na contribuição para o desenvolvimento religioso e cultural dos espaços pesquisados. Enfim, os acontecimentos históricos mencionados ao longo desse trabalho, deram dimensão da influência franciscana sobre a formação de nossa cultura. Foram os franciscanos os primeiros educadores em território brasileiro, os iniciadores junto aos indígenas, ribeirinhos e sertanejos, os idealizadores de uma igreja autenticamente ameríndia.

REFERÊNCIAS

- ABATI, Frei Atílio. **Francisco, um Encanto de Vida**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BÍBLIA SAGRADA - **Edição Pastoral**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne: **História da Filosofia Cristã**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOFF, Leonardo. **E a Igreja se fez Povo. Eclesiogênese: A Igreja que nasce da fé do povo**. 3ª ed. Petrópolis. Vozes, 1986.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

- CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos (2002). **Economia cristã dos senhores no governo dos escravos: uma proposta pedagógica jesuítica no Brasil colonial**. Tese (Doutorado) – UFBA, Salvador.
- FRAGOSO, Frei Hugo (1986). “**Novas fundações franciscanas no Nordeste**”. In: BEOZZO, Riolando Azzi – José Oscar (orgs.). **Os religiosos no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- _____. **Também sou teu povo, Senhor**. Paulo Afonso: Fonte Viva (2000).
- GOFF, Jacques Le. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro. Record, 2001.
- REGNI, Pietro Vittorino OFMcap. **Os Capuchinhos na Bahia: (volume 1), Os Capuchinhos franceses**. Salvador: 1987.
- _____. **Os Capuchinhos na Bahia: (Volume 2), Os Capuchinhos italianos (1988)**.
- _____. **Os Capuchinhos na Bahia: (volume 3/1), Os Capuchinhos das marcas**. Salvador: Gráfica Editora: U.T.J. – jesi (An). (1991).
- SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do pensamento único em educação: franciscanismo e jesuitismo na história da educação brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- TOMBO. **Livro da Diocese**. 1941 a 1979.
- ZAGONEL, Frei Carlos Albino. **Capuchinhos no Brasil**. 1ª Ed. Porto Alegre: CCB, 2001.
- ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia Franciscana: Desenvolvimento e Perspectivas**. Tradução: Frei Celso Marcio Teixeira OFM. Petrópolis: Vozes, 1999.